



BRANQUITUDE E CISGERENIDADE NAS INFORMAÇÕES DE MODA.

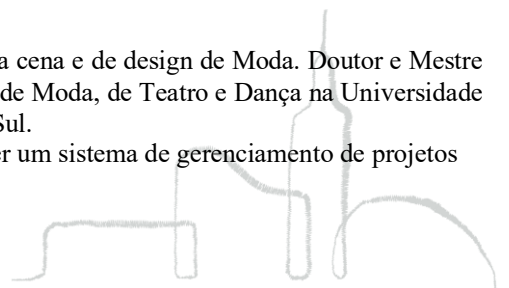
Pestana, San Facioli; Doutor; Universidade Anhembi Morumbi, san.f.pestana@gmail.com¹

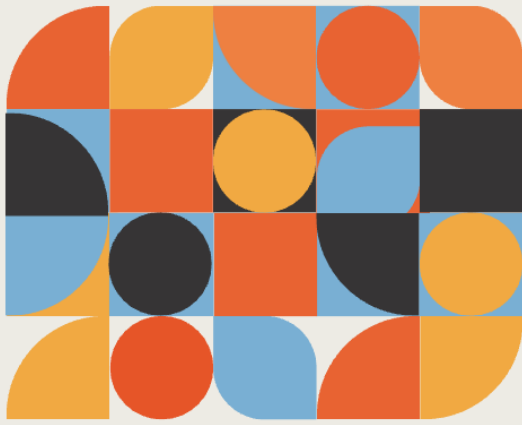
RESUMO EXPANDIDO

O trabalho surge a partir docência em curso de graduação em Design de Moda, ao depara-se com o estabelecimento de práticas que perpetuam normativas de raça e gênero, e que suscitam o seguinte questionamento: se hoje em dia existem ferramentas para criação de *personas*² - um personagem semifictício que representa o cliente ideal de um negócio, baseando-se em dados e características de clientes reais, como “comportamento, dados demográficos, problemas, desafios e objetivos” (Peçanha, 2020, s/p), por que não é praxe mencionar quando elas são brancas e cisgêneras? O que está por trás dessa conduta já tão naturalizada? A resposta é sabida e, por isso, propõe-se discutir a relação da Moda ocidental com as construções hegemônicas de raça e gênero, abordando a branquitude e a cisgeneridade também como identidades construídas pela colonialidade (Quijano, 2005; Mignolo, 2017). Para, deste modo, explicitar as justificativas para se exigir de estudantes e profissionais da Moda que mencionem raça e gênero de pessoas brancas e cis em suas pesquisas de público. Para tanto, parte-se de referenciais teóricos de diversas áreas, dentre elas os apresentados por Bren Navas e Filosoflow - jovens pensadores mexicanos -, no Seminário Blancografias: herramientas teórico metodológicas para el análisis de la blanquitud (2020). Dentre os quais debruça-se especialmente nas proposições do filósofo cis equatoriano-mexicano Bolívar Echeverría que observa a construção do que nomeia como *homo capitalisticus*, “uma aparência ou uma imagem exterior” do “Espírito do capitalismo” formada por “todo o conjunto de traços visíveis que acompanham a produtividade” (Echeverría, 2018, p.23, tradução nossa): desde a aparência física de seu corpo e seu entorno, à sua linguagem, seus gestos e movimentos, os quais moldam tanto a Branquitude ética

¹ San F. Pestana, transmasculino, branco, performer, artista e educador das visualidades da cena e de design de Moda. Doutor e Mestre pela ECA/USP, bacharel em Artes Cênicas pela Unicamp. Docente nos cursos de Design de Moda, de Teatro e Dança na Universidade Anhembi Morumbi e arte-educador da Fábrica de Cultura Jd. São Luís, São Paulo, Zona Sul.

² O conceito criado por Alan Cooper, designer e programador de softwares, ao desenvolver um sistema de gerenciamento de projetos em 1983.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

(*ethos*) e quanto a Brancura étnica (eugenista) que condenam como não-humana toda pessoa “que não encontrou o caminho para o sucesso nem a aparência correta do sucesso” (Echeverría, 2018, p.17, tradução e grifo nossos), e que deve, nessa lógica, ser eliminada ou reconstruída. Tais colocações de Echeverría são conectadas com proposições do filósofo espanhol, branco e transmasculino Paul B. Preciado, para refletir sobre como a Moda ocidental contribui para a construção da estética da diferenciação sexual e racial, e sua subjacente estrutura de poder. Preciado, apoiado em diversas pensadoras, observa a sexopolítica como uma das formas dominantes da ação biopolítica que emerge com o capitalismo disciplinar, em que diferenciação sexual e racial se fazem necessárias para estabelecer uma “hierarquia político-anatômica entre os sexos (masculino e feminino) e as raças (brancos e não brancos)”, levando à legitimação de uma nova organização política do campo social. Na qual qualquer divergência corporal da norma “é considerada uma monstruosidade, uma violação das leis da natureza ou uma perversão” e deve ser corrigida (2018, pp. 81-82). E, também, expõe dispositivos desenvolvidos tanto pela Sociedade disciplinadora, com suas Políticas ortopédicas e exoesqueletos disciplinares, quanto pela Sociedade farmacopornográfica em que os modelos de controle do corpo são micro protéticos (medicamentos, cirurgias e hormônios), aliados com técnicas midiáticas de controle e representação.

ECHEVERRÍA, Bolívar. **Racismo y blanquitud**. Zineditorial, primavera de 2018. Disponível em: https://zineditorial.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/08/bolivar_zineditorial_lectura.pdf Acesso em: mai. 2021.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade. O lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira De Ciências Sociais** - Vol. 32 N° 94, jun. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZV/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: jun. 2023.

PRECIADO, Paul B. **Texto junkie. Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. Buenos Aires: **CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales**, 2005. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf Acesso em: jun. 2023.

Palavras-chave: Moda; branquitude; cisgeneridade.

